

TEXTO-BASE SEMANA DO MIGRANTE 2024

A Semana do Migrante no Brasil é promovida pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM/CNBB), vinculado à dimensão sóciotransformadora da Conferência Episcopal. Neste ano, se realiza de 16 a 23 de junho de 2024, tendo como tema Migração e casa comum e como lema “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2). Seguindo uma prática que já se tornou costumeira, o processo retoma o tema da Campanha da Fraternidade do mesmo ano, sob o enfoque do fenômeno migratório. Por tudo isso, o presente subsídio – TEXTO-BASE – estará fundamentado numa tríplice fonte: a) Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015), seguida da Exortação Apostólica *Laudate Deum* (2023); b) Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (2020); c) reflexões da CF/24 sobre o tema da Amizade social, com especial atenção ao vasto e complexo campo das migrações.



a) Migração e casa comum

Existem atualmente vários estudos, pesquisas e publicações, livros e até inteiras bibliotecas sobre a questão das mudanças climáticas. Na Carta Encíclica *Laudato Si'* (publicada em 2015), e depois na Exortação Apostólica *Laudate Deum* (de 2023), como sabemos, o Papa Jorge Bergoglio, inspirado no Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, coloca na agenda global o debate, preocupante e oportuno, sobre a preservação do meio ambiente. Trata-se de um alerta que vinha ecoando desde as últimas décadas do século XX, através de vários cientistas e, em particular, através dos movimentos ambientalistas. O alerta ganha força progressiva no decorrer do século XXI, estendendo-se aos movimentos e pastorais sociais em geral. Essa é temática grave que, após oito anos na encíclica, o pontífice volta a ele com a exortação apostólica.

O Papa Francisco aborda o tema com olhar de pastor. Mais que números, estatísticas, porcentagens e tabela (que também são importantes numa análise sociológica), o pontífice cunha a expressão do *cuidado como nossa casa comum*. O cuidado representa outra maneira conviver com a natureza, que difere frontalmente da exploração desmedida e inescrupulosa. Em outras palavras, ou a humanidade cuida, cultiva, preserva e convive de harmoniosamente com a Terra e seus ecossistemas, ou estamos todos e todas condenados ao naufrágio desta gigantesca nave. Não podemos permitir que o planeta deixe de ser fonte e mãe de todas as formas de vida (biodiversidade). Ao contrário, temos de ajudar a natureza em sua imensa beleza, riqueza e gratuidade – mas tudo para todos e todas. Os recursos e bens naturais, bem como o fruto do trabalho dos seres humanos, devem ser justamente divididos entre todos os trabalhadores e trabalhadoras.

Nos parágrafos da *Laudato Si'*, o Papa se detém a analisar “o que está acontecendo em nossa casa”, mostrando a deterioração não só das relações entre povos e nações, mas sobretudo da hu-



manidade com a natureza. A política econômica, qual abutre, se abate sobre os recursos naturais explorando-os até a exaustão e a devastação. No segundo momento, procura aprofundar “a raiz humana da crise ecológica”. Não dá mais para falar apenas de catástrofes naturais. A mão humana pesa cada vez mais e cada vez com mais força sobre elas. Daí, os extremos incontornáveis que vemos nas ondas de frio e calor, bem como nos índices pluviométricos e inundações. Por fim, o Papa Francisco propõe o que chama de “ecologia integral”, pois todas as coisas e pessoas estão interconectadas numa rede que não pode ser quebrada (as frases entre aspas são subtítulos da LS).

De acordo com o Santo Padre, “a nossa casa comum” está em perigo. A vertiginosa velocidade da economia globalizada atropela e devasta o ritmo da natureza. Esta, agredida por todos os flancos, volta-se contra a humanidade. A longo prazo, o sistema de produção capitalista, de filosofia liberal, torna-se antropofágico, devorando suas próprias entranhas. Além disso, o processo de produção-comércio-consumo, tendo como motor o lucro e a acumulação do capital, cava um fosso cada vez mais profundo entre o pico e a base da pirâmide social. Disso, decorre que as necessidades básicas da população seguem sendo sistematicamente proteladas, quando não simplesmente esquecidas. Excesso de produção, até mesmo de alimento, por um lado, pobreza e fome, por outro, caminham de mãos dadas, numa contradição intrínseca da política econômica.

“quem são as principais vítimas da devastação dos biomas e florestas, da desertificação do solo, da contaminação do ar e das águas, do aquecimento global?”

Desde o ponto de vista do fenômeno migratório, uma pergunta se impõe nesta Semana do Migrante: quem são as principais vítimas da devastação dos biomas e florestas, da desertificação do solo, da contaminação do ar e das águas, do aquecimento global? Evidentemente que a pergunta é retórica! Já sabemos a resposta: são as populações pobres e excluídas que, por falta de condições econômicas e sociais, se refugiam em lugares inapropriados para sentar moradia. Vulneráveis devido à falta de trabalho, à pobreza e à miséria, acabam igualmente vulnerabilizadas pelos extremos das catástrofes “naturais” (as aspas indi-

cam que tais tragédias têm cada vez mais a mão do ser humano), tais como estiagens, ciclones, furacões, inundações – enfim, pela fúria da natureza agredida.

São essas populações que, atingidas em primeiro lugar, deixam sua terra e se põem na estrada. Os números das organizações internacionais como a ONU e a ACNUR, estimam em mais de 100 milhões o número de refugiados. A esses, devemos acrescentar esta nova modalidade de *refugiados climáticos*, em franco crescimento. Da mesma forma que as tensões étnicas, religiosas, ideológicas, políticas e culturais; que os conflitos, guerras e todo tipo de violência; que a situação de extrema de extrema pobreza, carência e abandono – também os impactos, as implicações e as consequências do aquecimento global e demais anomalias das mudanças climáticas expulsam multidões de pessoas da própria terra, de junto dos familiares, amigos e parentes. Medem-se hoje aos milhões o número de migrantes que se põem a caminho devido à pressão sofrida pelo excesso ou falta de chuva, de frio, de calor; pelas enchentes e deslizamentos de terra, e assim por diante.



b) Alarga o espaço da tua tenda

Se no item anterior e no contexto das migrações prevalece a preocupação e a preservação de “nossa casa comum”, agora levamos em consideração o lema da Semana do Migrante, extraído do profeta Isaías: *alarga o espaço da tua tenda*. Juntamente a palavra do profeta, combinamos outro apelo do também profeta Francisco, com a publicação da Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (todos irmãos, em italiano). Por que tanta divisão e discórdia, tanta violência e tanta guerra? Por que o solo se enche de suor, lágrimas e sangue, na luta de uns contra os outros? Será tão difícil vivermos sobre ela como irmãos e irmãs? A lógica de Jorge Bergoglio, como em todos os seus escritos, gestos e/ou discursos, é ao mesmo tempo simples e profunda.

Combinando a encíclica de 2015 com a de 2020, não seria exagero afirmar que, primeiramente, o Papa se empenha em preparar a casa para todos os seres humanos e para todas as formas

de vida. Em seguida, vem o apelo para que todos e todas possam tornar-se irmãos e irmãs no espaço dessa casa, numa vizinhança sadia e saudável. E mais, fundindo as duas cartas, vem a convite de passar do viver bem egocêntrico e egoísta ao bem viver fraterno e solidário, em sintonia e harmonia com a terra e a natureza. Os conceitos de comensalidade e de convivialidade ganham grande relevância. Das “sombras de um mundo fechado”, o pontífice chama a “pensar e gerar um mundo aberto”, bem como um “coração aberto ao mundo inteiro” (as frases entre aspas são subtítulos da FT).

O sexto capítulo da *Fratelli tutti*, por sua vez, insiste no debate sobre “diálogo e amizade social”, o que faz a conexão com o tema da Campanha da Fraternidade. Por fim, conclama “as religiões a serviço da fraternidade do mundo” (Subtítulo da FT). A esta altura,



Arquivo SPM - Roraima

entramos de cheio na temática das migrações. Todas as pessoas, povos e culturas são portadoras de valores e expressões culturais e religiosas diferentes. Apesar das diferenças (ou justamente por causa delas), em todas as religiões existem sementes do verbo. Os migrantes são portadores dessas sementes, podendo através delas criar novas pontes e eliminar os muros que nos separam.

É por isso que tanto São João Batista Scalabrini – apóstolo dos migrantes – quanto o Documento de Aparecida, ao mesmo tempo que reconhecem que os migrantes são vítimas e fugitivos, são pobres e excluídos, são explorados e abandonados, são “descartáveis”, também são chamados a ser profetas, artífices e protagonistas de novos tempos. Ao colocarem os valores e culturas em confronto,

ajudam no processo de diálogo, depuração e purificação progressiva de cada uma dessas visões de mundo. Toda pessoa, grupo ou cultura cresce e se enriquece no encontro e no embate com o diferente, o outro, o estrangeiro. “Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem” (Doc. Aparecida, nº 415).

O projeto do Papa Francisco, tantas vezes repetido, de “passar da globalização da indiferença” para a “cultura do encontro, da fraternidade e da solidariedade” constitui, em não poucos casos, uma tarefa dos migrantes. São estes que, deixando suas terras, aventurando-se por caminhos tortuosos e desconhecidos, rompem com os muros e fronteiras que dividem nações e povos, ultrapassam



Arquivo SPM - Roraima

uma série de obstáculos, na busca de um futuro menos amargo. Implícita ou explicitamente, há nesse incansável vaivém um projeto de vida que contrasta diametralmente com a economia que “exclui, descarta e mata”. Enfim, são eles que nos ensinam a “alargar o espaço da tenda”. E não é só isso! Eles nos ensinam que toda casa erguida no decorrer da vida terrestre não é mais do que uma simples tenda, pois somos todos peregrinos sobre a face da terra. A Casa à qual nos agarramos como fortaleza tende a sepultar os habitantes sob suas ruínas.



“...somos todos peregrinos sobre a face da terra.”

Arquivo SPM Nordeste - Casa do Migrante - Conde-PB

c) O fio das relações humana



“... recompor o fio sagrado que, aos avanços e recuos, vai tecendo as relações humanas...”

Arquivo SPM - Nordeste - Convivência com Semiárido

Uma convergência entre a “amizade social”, a “casa comum” e o apelo de “alargar o espaço da tenda” nos leva ao horizonte de recompor o fio sagrado que, aos avanços e recuos, vai tecendo as relações humanas. Esse fio tênue que fortalece o tecido social sofreu um duro e funesto abalo com os governos negacionistas de extrema direita. Rompeu-se a confiança em múltiplas instâncias e instituições do nosso cotidiano. Tal ruptura que chegou a dividir, de cima em baixo, todos os níveis das relações humanas: namoros, noivados, casamentos, famílias, parentesco, amizades, comunidades, pastorais, paróquias, movimentos, entidades, organizações trabalhistas, estudantes ou sindicais... e assim por diante. Passamos a ver inimigos por toda a parte, mas sobretudo naqueles que conviviam conosco. Entre patriotas e comunistas, entre verde-amarelos e vermelhos criou-se um fosso que se expandiu para dentro de nossa casa, trabalho e convivência. Até mesmo as conversas e ligações mais íntimas se viram fortemente ameaçadas de rompimento.

Pior ainda quando se trata dos migrantes. Estes, que muitas vezes já vinham sendo confundidos com traficantes e/ou terroristas, passaram a sofrer maior peso do preconceito e da discriminação, do racismo e da xenofobia. A vítima da violência ou da pobreza passa a ser vista como o culpado do próprio infortúnio. Enquanto

para o Estado, o migrante costuma ser um *problema ou perigo*; para a mídia, a opinião pública e a sociedade, uma *ameaça*; para a Pastoral dos Migrantes, deve figurar como uma *oportunidade*. Não oportunidade de desfrute e exploração, evidentemente, e sim de encontro, de diálogo e de solidariedade. Como vimos anteriormente, no embate entre valores e expressões distintas, todas tendem a se enriquecer reciprocamente. Ricos povos e civilizações, na história, nasceram do encontro dos migrantes.

A Semana do Migrante deste ano nos coloca diante de uma encruzilhada, uma bifurcação. Diante dos migrantes, ou criamos guetos ou criamos comunidades. O gueto tende a ser hermeticamente fechado, cerrado. Tende a gerar hostilidades, seja de dentro para fora, seja de fora para dentro. A comunidade, ao contrário, permanece aberta a novos membros. Estabelece pontes entre coisas e pessoas distintas. Abre-se ao diálogo, ao confronto e à solidariedade. O gueto rompe o fio tênue da confiança, a comunidade procura com ele costurar novos laços. Alargar o espaço de nossa tenda em direção à amizade social com todos os povos e nações consiste na forma adequada de construir em bases firmes e sólidas a nossa casa comum.

Convém concluir estes parágrafos citando a aliança que Deus fez com Noé, cujo sinal simbólico e visível era o arco-íris. Interessante notar que a aliança, embora feita com os seres humanos, não tem em vista apenas a preservação destes. Ao contrário, dois elementos são essenciais nesse pacto: a aliança é feita em nome “de todos os seres vivos” e “para todas as gerações futuras”. (Gn 9, 8-17). Numa palavra, preservar, cultivar, cuidar e conviver com o meio ambiente é deixar em herança para as novas gerações um mundo melhor do que encontramos. Não bastam os indicadores econômicos para medir o nível do desenvolvimento e da vida humana (PIB, bolsa de valores, taxa de câmbio, valor do dólar, etc.). É necessário averiguar os *indicadores sociais* (trabalho, moradia, educação, saúde, infraestrutura de água e esgoto, segurança, alimentação, vestuário, et.). Numa palavra, não basta o crescimento, o progresso e a técnica. Estes, num sistema viciado e distorcido, se acumulam no pico da pirâmide. O que está em jogo é a distribuição de renda, riqueza e oportunidades. Assim, as pessoas pudessem “escolher se migrar ou ficar”.



YO SOY MOVIMIENTO DE MASAS QUE EMIGRA EN BUSCA DE LIBERTAD

De mi patria con nombre de mujer salí un día
Un ladrón súbitamente me robó mi derecho nacido
Nostalgia y ausencia se mezclan me producen dolor
Yo soy movimiento de masas que emigra con la puesta del sol y
orientación de las estrellas.

Amargo sentimiento, impotencia forzada que emocionan
Mi alma potencial productivo de origen,
genera escasez de fuerza
Emigro cual charrán Artico, pero con rumbo desconocido.

Me voy injusticia oscura. busco paz y libertad
Mirar el pasado desde otra perspectiva,
dolor que ha quedado atrás
Un mundo nuevo me espera, mi creador me lo concederá
Ayer estaba en mi patria hermosa y amada viviendo y soñando
Hoy estoy aquí cuál desconocida en tu país,
hablando un lenguaje extraño

“Mira esa mujer tiene una fala diferente”
Yo soy cultura, soy raza. Soy color en tu país
Miedo, incertidumbre, no puedo escoger, tengo pan
Vida en movimiento, sueños interrumpidos, trabajo sin cesar
Tengo esperanza, muchos desafíos, muchos ejemplos,
tengo libertad
Tierra tuya, tierra mía, vida, salud, comida, trabajo y techo.

Para todos los efectos, soy extranjera,
soy una emigrante en busca de libertad.

Autor Carmen Victoria Jordán Villagelin
15 de agosto de 2023

Autor do texto: Padre Alfredo J. Gonçalves, sc - Assessor Político Metodológico do SPM
Criação/Diagramação/Impressão: Renata Lima - A.N. Gráfica



SPM - SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES
Rua Caiambé, 126 - 04264-060 - Ipiranga
São Paulo - SP -  (11) 94224-1072

**Acesse nossas redes sociais pelo QR
Code para ficar por dentro de tudo que
acontece nas pastorais do Migrante de
todo o Brasil**



CNBB
COMISSÃO EPISCOPAL
DOS BISPOES DO BRASIL
para a Ação
Sociotransformadora

MISEREO
THE HILFSWERK

adveniat
for die Migranten
in Lateinamerika

APOIO

**Rede CLAMOR
Brasil**
COMISSÃO EPISCOPAL
DOS BISPOES DO BRASIL
para a Ação
Sociotransformadora

Se você tem algo a dizer ao SPM, fale conosco: faleconosco@spmnacional.org.br